

Crianças revelam traumas da violência doméstica nas brincadeiras



Pesquisa realizada pela psicóloga Anna Christina da Motta Pacheco Cardoso de Mello revela que as marcas negativas, registradas na primeira infância, podem refletir na formação de um adulto delinqüente e violento. Segundo o estudo, as brincadeiras de crianças de quatro a sete anos, vítimas de violência física, revelam traumas deixados por essas agressões e pela falta de carinho materno. A pesquisa compõe a tese de doutorado de Anna Christina, defendida recentemente no Instituto de Psicologia da USP.

A psicóloga utilizou técnicas de observação e interação lúdica. Foram oferecidos a três grupos de crianças, observados comparativamente, bonecos artesanais — que podiam simbolizar membros da família — e peças de montagem do tipo tijolinhos. O primeiro, reuniu crianças vítimas de violência física doméstica, acolhidas em instituição em virtude dos maus tratos. O segundo, crianças abandonadas pelos pais, também abrigadas em instituição, porém sem histórico de violência física. O terceiro, crianças que viviam com suas famílias e que não tinham sofrido violência doméstica.

A maioria das crianças do primeiro grupo brincou de forma agressiva, destrutiva e compulsiva. Uma delas tinha explosões de violência que apareciam sem motivo aparente.

Outra agredia fisicamente os bonecos ou destruía os tijolinhos. Os raros momentos de estabilidade eram logo substituídos por agitação, inconstância e excesso de barulho. Entre as crianças do segundo e terceiro grupos, houve um brincar tranquilo, organizado e estável.

Apenas uma criança do segundo, o de crianças abandonadas, brincou de forma inconstante e displicente.

A pesquisa analisou, também, a capacidade de integração das crianças entre os brinquedos.

"As crianças dos dois primeiros grupos não conseguiram estabelecer relação entre os brinquedos, enquanto que para as do terceiro grupo os bonecos habitavam as casas e os castelos construídos com os bloquinhos", descreve Anna Christina. Para as crianças do primeiro grupo, a família era apresentada de forma pouco estruturada ou idealizada. Segundo a psicóloga, o vazio das habitações, entre as crianças do segundo grupo, mostrava a falta de referencial familiar.

As crianças vítimas de violência física doméstica utilizaram os brinquedos de forma não convencional: os bonecos, variadas vezes, serviram de bola e os tijolinhos de revólver. Os bonecos femininos, representando a mãe, recebiam chicotadas e o boneco que representava o pai foi enforcado. "A agressão e o desprezo com os brinquedos revelou a dificuldade que elas tinham com a representação familiar. As crianças não queriam que aquele brinquedo despertasse a recordação das experiências traumáticas", explica.

As crianças do primeiro grupo trocavam de brinquedos constantemente, não havendo concentração na brincadeira. Tiveram dificuldade em aceitar limites de espaço e apresentaram tendências anti-sociais. Um deles furtou gibis para levar embora. Uma explicação para este comportamento foi descrita pelo psicanalista Donald W. Winnicott. Segundo ele, a criança privada de carinho e afeto materno poderá apresentar tendência ao roubo e à destrutividade.

Para Winnicott, o roubo de um objeto de um ambiente pode representar a busca de algo bom que ela teve no passado e perdeu.

Para a pesquisa, Anna Christina utilizou elementos de sua experiência de oito anos de trabalho com crianças e adolescentes na Vara Central da Infância e da Juventude, do Tribunal da Justiça do Estado de São Paulo, onde analisou casos de violência física, sexual, psicológica, negligência, desajuste de comportamento, desajuste familiar, tutela e guarda, entre outros.

A Universidade de São Paulo realiza hoje (22), a partir das 9 horas, no Auditório da Escola Politécnica da USP, o seminário USP fala sobre Violência. No evento estarão reunidos especialistas de diversas áreas que desenvolvem estudos relacionados com os direitos humanos e com a violência.

Mais informações: (0XX11) 270-7377, 9988-6464 e 253-8511, ramal 378, com a pesquisadora.

(texto recebido de Flávio e de Luiz Gonzaga Scalzitti)